



## UM PADEIRO DEPUTADO

Quando Antônio Sales idealizara a Padaria Espiritual, nascida nas cadeiras do Café Java a 30 de maio de 1892, elegante quiosque da Praça do Ferreira, poderia ter avocado para si o cargo de seu primeiro Presidente. Mas contenta-se tão-somente com o de secretário, isto é, com o de Primeiro-forneiro.

E a quem oferece ele as rédeas da sociedade literária recentemente criada, fazendo-o Presidente, ou melhor, Padeiro-mor? A um seu particular amigo, Jovino Guedes Alcoforado ou, simplesmente, Jovino Guedes, o Wenceslao Tupiniquim.

Vindo para Fortaleza, empregara-se Jovino no comércio passando a morar num velho sobradinho da rua Major Facundo esquina com a das Trincheiras (hoje Conselheiro Liberato Barroso), república de empregados do comércio, juntamente com Antônio Sales, Pedro Moniz e outros. Guarda-livros da antiga Livraria Oliveira, do velho português Joaquim José de Oliveira, participa da fundação do Clube Literário, tem a iniciativa de fundar o Clube Educando Caixeiral, colabora em A Avenida, é segundo-secretário do Clube de Letras, um dos fundadores do Centro Republicano Cearense, enfim vive colado todo esse período ao seu inseparável amigo Antônio Sales que confessava: *“é meu companheiro de jornal, de rua e de casa, de festas e de passeios, de trabalho e de lutas”*.

E sendo assim, numa homenagem especial ao amigo e companheiro de todas as horas, Antônio Sales, quando da aventura da Padaria Espiritual, convida o então deputado estadual Jovino Guedes a ocupar o posto de honra, a presidência, o cargo de Primeiro Padeiro-mor.

Em setembro de 1892, hóspede do Desembargador José Moreira da Rocha, o Rochinha, mais tarde Presidente do Estado do Ceará, mandava o nosso poeta, de Pirapora,<sup>1</sup> notícias suas ao Jovino numa engraçada carta em versos:

*“A pena empunho nesta hora  
para dar-te notícias minhas  
nestas mal traçadas linhas  
que vão por aqui a fora.*



*Sou hóspede do Rochinha  
cuja pachorra esmerada  
traz a casinha enfeitada  
qual se fora uma lapinha.*

*Pela parede há paisagens,  
cromos, louças, ventarolas,  
peles, armas de selvagens  
e outras mil caraminholas.*

*Ceguei anteontem; contudo  
vou-me sentindo melhor  
e já conheço isto tudo  
perfeitamente e de cor.*

*Já travei conhecimento  
com os arvoredos mais grados  
e já fiz meus cumprimentos  
aos trovadores alados.*

*Entre essa orgia de sons  
— charuto ao canto da boca —  
encho a fantasia louca  
de sonhos doces e bons”.*

Mas voltemos a Padaria. Jovino, mesmo não comparecendo à primeira sessão do dia 30 de maio, fora aclamado seu Padeiro-mor no dia seguinte. Certo, não fez muita coisa pela associação e dela solicitaria, em ofício, sua exoneração, o que só iria acontecer em fins de 1894. Havia muito ele se omitia das responsabilidades que lhe estavam afetas, cabendo a Antônio Sales acumular às funções de Primeiro-forneiro as de Primeiro Padeiro-mor.

Jovino escreveu muito pouco legando-nos apenas um folheto onde refutava alguns pontos de vista expostos no livro de Rodolfo Teófilo, *Seca do Ceará*.

Antônio Sales o descreveu de maneira magistral: “*Jovino era um rapaz alto, narigudo, um tanto estrábico e com uma aparência um pouco hostil de misantropo. Mas assim feio e rebarbativo, era um dos melhores caracteres e dos mais nobres corações que já conheci. Além disso era uma bela inteligência, ávida de saber, e apaixonado especialmente pelo estudo de nossa língua*”.

Um dia a vida separara os dois amigos: Jovino, por questões partidárias, mudava-se para Manaus e Antônio Sales, pressionado pela oligarquia aciolina, tomava com Alice o primeiro vapor com destino ao Rio. Em abril de 1905 retornava ao Rio o nosso poeta de seu desterro forçado em terras gaúchas por ordem do senhor todo-poderoso Seabra e quatro meses depois recebia a notícia do falecimento, aqui em Fortaleza, de Jovino Guedes.

Pareciam-se em muitos ângulos: largaram seus lares para tentar a sorte aqui na capital, empregaram-se como caixeirinhos, trabalharam em livraria, moraram no mesmo sobradinho, foram ardorosos republicanos, elegeram-se deputados estaduais e morreram **debaixo** do mesmo céu . . .



## NÓTULAS

<sup>1</sup> Em 21 de julho de 1918, Antônio Sales, da Pajuçara, mandava uma Carta a J. Moreira da Rocha, em vinte e sete quadras humorísticas, recordando seus dias felizes em Pirapora, há vinte e seis anos passados:

“Bem me recordo que outrora  
vivas — guapo ermitão —  
na risonha Pirapora,  
de alma alegre e corpo são.

E ouvindo os plúmeos arautos  
da mata cantando ao Sol,  
tu deslindavas dos autos  
o complicado aranhol.

E embora sejas, agora,  
grave desembargador,  
inda amas a Pirapora  
com o mesmo entranhado amor”.